

APRESENTAÇÃO

Tecnoéticas, Inteligência Artificial, maquinações e outras bricolagens

Claudia Turra Magni

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul
clauturra@yahoo.com.br,
<https://orcid.org/0000-0001-6278-3838>

Daniele Borges Bezerra

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul
borgesfotografia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6278-3838>

As relações entre humanidade, técnica, tecnologia e imaginação mobilizam a antropologia desde seus primórdios. Elas levantam questões relativas ao trabalho, às relações sociais, ao meio ambiente, à vida social das coisas, às emoções, à inteligência, à criatividade e tantos outros aspectos que, no debate contemporâneo, clamam por abordagens sistêmicas e interdisciplinares capazes de superar o pensamento binário expresso na dicotomia entre natureza e cultura, humanos e máquinas, ciência e ficção.

Inúmeras transformações associadas à sofisticação das relações entre humanos e máquinas, mediadas por tecnologias digitais, como a programação algorítmica e a comunicação em rede, têm implicações profundas sobre subjetividades, interações sociotécnicas, mercado de trabalho e ensino, interferindo em aspectos cognitivos, econômicos e sensíveis. As potencialidades destas tecnologias nos impulsionam a refletir sobre a vida a partir da dimensão multimodal da antropologia, aliada às ações tecnopoéticas e tecnopolíticas, na busca por práticas de “bem-viver-com” criaturas que se conectam na ampla teia cibernética da existência.

Nesse sentido, indagamos: quais confluências, divergências e fricções possíveis entre áreas do conhecimento podem ser problematizadas em relação aos humanos, transhumanos, outros-que-humanos, não-humanos maquínicos e às tecnologias de inteligência artificial, permitindo-nos pensar o presente e reprogramar o futuro?

Ao mobilizar as interações complexas e passionais entre tecnologia e criatividade - ou tecnopoéticas - nas sociedades contemporâneas, este dossier reuniu abordagens múltiplas, epistemologias diversas e paradigmas distintos, convidando a antropologia a dialogar com outras ciências sociais, com as artes visuais, a educação, a psicanálise, a literatura e a linguística, sem visar o consenso ou respostas definitivas, mas a abertura ao movimento de composições caleidoscópicas por meio de diversas maquinações e bricolagens.

A abertura do dossier, a cargo de uma de suas organizadoras, Daniele Borges Bezerra, a partir do “Estudo antropológico sobre percepções, emoções e inteligências artificiais”, sugere reconhecer que tais tecnologias, concebidas de modo crítico, podem promover relações de mutualidade em metodologias de pesquisas antropológicas.

Débora Krischke-Leitão e Daniella Landrys nos brindam com um artigo bilíngue (francês-português), baseado em suas pesquisas sobre emoções e realidades digitais na Universidade do Québec. Inspiradas em autoetnografia, problematizam o uso de inteligência artificial generativa em fotografias de plataformas de consulta genealógica e recriação de memórias familiares.

Em “A obra de arte na era de sua repetitividade algorítmica”, Jerônimo Magni Bruschi e Roberto Henrique Amorim de Medeiros investigam a maquinização da produção criativa no capitalismo tardio, relacionando a lógica do “autômato” fundada na modernidade com as inteligências artificiais generativas no cenário pós-moderno.

O materialismo histórico dialético também embasa o artigo de Quitéria Paiva Villela Santos e Adão Aparecido Molina, que aponta perspectivas da educação para a superação das desigualdades socioeconômicas exacerbadas pela inteligência artificial.

Na perspectiva das artes, Natacha de Souza e David Ruiz Torres apontam os impactos da inteligência artificial na automação da indústria do entretenimento, particularmente no cinema de animação, destacando suas implicações em termos das condições de trabalho e da criatividade humana.

Marta M. Kanashiro e Bianca Cavichioli Schuermann de Barros questionam os limites da abordagem médica e patologizante do fenômeno “cronicamente online”, demonstrando como esta nova forma de sociabilidade, constantemente conectada à web, corresponde a um modo de acumulação contemporânea, próprio do capitalismo de vigilância.

Por sua vez, Roberto Henrique Amorim de Medeiros e Germano Bades Luiz Pedroso aportam uma perspectiva psicanalítica acerca de suas investigações sobre as relações entre tecnologia e subjetividade contemporâneas, marcadas pelo desejo de um “ideal autômato”.

Aquém de futurismos, o artista Zaven Paré descreve minuciosamente uma série de robôs reais - produtos de consumo atual na sociedade japonesa -, que integraram a exposição “Convivendo com robôs”, da Japan House de São Paulo, apresentada entre novembro de 2023 e maio de 2024, com sua curadoria.

No contexto das enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em 2024, as psicólogas Vanessa Maurense e Cleci Maraschin refletem sobre as relações de parentesco e redes sociotécnicas envolvendo máquinas, humanos e outras espécies, numa composição cartográfica baseada nas noções de “corporificação mundana e dobras da carne”, de Donna Haraway.

Na perspectiva da fabulação cinematográfica, a condição pós-humana é vislumbrada por Pedro Rogério Tavares Filho, Mateus Brum de Armas e Rosângela Fachel de Medeiros, a partir de questões referentes às interações tecnológicas, transformações de corpos, sensorialidades, identidades de gênero e sexualidade.

Em contraposição ao “desencarne” das plataformas digitais, Claudiana Nogueira de Alencar e Emanuel Pedro Martins Gomes conclamam à produção literária comunitária de poetas da periferia de Fortaleza, com sua “tecnopolítica do afeto”.

De Portugal, Ana Cláudia Albergaria e Inês Barbosa, vinculadas à Universidade do Porto, enviaram um ensaio visual ancorado na dança contemporânea e videoarte, fruto do diálogo entre artistas e sociólogas, que ponderam sobre a revolução digital e a interdependência entre humanos e inteligência artificial.

Ao proporem uma “xenoantropologia”, Júlio Valentim e Patrícia Pavesi refletem sobre as implicações teóricas, epistemológicas e ontológicas da co-relação entre humanos e máquinas de inteligência artificial, concebidas como alteridades radicais.

Dentre os *Relatos de Campo Etnográfico*, temos três artigos:

As experimentações metodológicas de Aina Azevedo com o “Tarô Etnográfico de Marseille” trazem contribuições para pensar a multimodalidade em pesquisas antropológicas.

Felipe da Silva Rodrigues e César Bastos de Mattos Vieira propõem o palimpsesto como modos etnográficos de decifrar e descrever as temporalidades e espacialidades da cidade de Porto Alegre.

A produção fílmica realizada no Sertão de Pernambuco entre os Pankararu é o foco do artigo de Renato Athias, Ludmila Farias Ribeiro e Sarapó, que explora a representação audiovisual destes povos a partir de sua perspectiva.

Contribuindo com o estudo das relações entre humanos e máquinas, temos o encerramento do dossier com a *resenha* de Guillermo Stefano Rosa Gómez sobre o livro de Joshua Grace (2021), *African Motors: Technology, gender, and the history of development*.

Através destes 16 textos, de autorias provenientes de diversos horizontes, acreditamos contribuir para o avanço das discussões sobre as conexões entre humanos e tecnologia, convidando-nos a uma perspectiva plural, crítica e engajada com os desafios e as possibilidades que se apresentam. A variedade de temas e abordagens aqui reunidas demonstra a complexidade do campo e a necessidade de continuarmos explorando as múltiplas facetas dessas interações, buscando práticas de co-habitação no ecossistema cibernético da vida.